

RELATO DE EXPERIÊNCIA: UM OLHAR HUMANO DOS EDUCADORES PARA COM OS ALUNOS

Léa Regina Pereira da Silva ¹
Cleonice Iracema Graciano dos Santos ²

RESUMO

Esse trabalho tem a intenção de relatar uma experiência como bolsista do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), em uma escola pública, no município de Tupanciretã-RS. Nessa oportunidade pude perceber a importância da escola possuir políticas educacionais voltadas para alunos que encontram-se em vulnerabilidade social, e o valor do engajamento dos professores com tais políticas. A metodologia utilizada para desenvolver esse trabalho foi exploratória, a partir de entrevistas agendada e gravada para uma análise posterior, feita aos professores do Instituto Estadual de Educação Mãe de Deus, o objetivo da entrevista é fazer um compilado de dados para interpretar o perfil das turmas, possibilitando um trabalho mais direcionado e produtivo no momento em que for trabalhar com os alunos. Após as entrevistas feitas aos professores da escola pude identificar dificuldades existentes em sala de aula que interferem diretamente no desenvolvimento dos alunos. Por vezes o estudante é tido como desinteressado, relapso ou até mesmo com déficit de atenção e é apenas um problema de cunho particular, sempre é valido lembrar que existe também alunos em sala de aula onde a vida social além dos portões escolares possuem outras deficiências, e a fragilidades em que vivem contribui diretamente para o aprendizado. Humanizar a educação é acolher, ter a sensibilidade para melhor se comunicar com os alunos e tornar a escola referência de esperança e humanização. Nesse momento faz diferença o professor ter a sensibilidade de entender o que de fato está acontecendo com o aluno. O olhar humanizado para com todos os alunos contribui e beneficia o aprendizado, a LDB 9394/96 garante que a escola deva exercer um papel humanizador, no entanto devo salientar a importância do educador se dispor a exercer seu papel em sala de aula e entenda que ser professor vai além de apenas transferir conhecimentos.

Palavras-chave: Professor, Humanizar, Educação.

INTRODUÇÃO

O debate sobre uma educação humanizada, se faz cada vez mais necessário. Neste trabalho iremos refletir sobre a importância de um olhar humano dos docentes em sala de aula. O interesse surge no decorrer do curso de licenciatura em Ciências Biológicas, a partir

¹ Graduando do Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas do Instituto Federal Farroupilha (IFFar), Campus Júlio de Castilhos – RS. Bolsista do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID – CAPES). Learegina2326@gmail.com ;

² Professora orientadora: Cleonice Iracema Graciano dos Santos. Mestra em Educação e Formação de Adultos (IPP-Pt), Especialista em Biologia (UFSM), Licenciada em Ciências Biológicas (UFSM). cleonice.graciano@iffar.edu.br



da experiência como bolsista do PIBID, onde realizamos o desenvolvimento da pesquisa no Instituto Estadual de Educação Mãe de Deus escola onde o projeto é realizado.

Na realidade construir uma educação de fato humanizada é uma instigação em meio aos desafios educacionais, sociais, culturais e políticos, que afeta direta e indiretamente a qualidade do ensino, tornando-o deficiente. Nesse sentido, educar de forma humanizadora o sujeito significa, trabalhar competências e habilidades de forma mais ampla e concreta. Tendo a escola o papel de instruir o aluno, considerando o conjunto de conhecimentos empíricos e bagagem cultural como ponto de partida para que a educação desempenhe um papel transformador na vida dos alunos. Humanizar o ensino significa enxergar o aprendiz como ser humano que, aos poucos, vai tecendo seus sentimentos e percepções acerca da sua realidade, por meio da significação de valores e conhecimentos, enriquecendo o processo de aprendizagem.

Concretamente, buscamos através da abordagem exploratória, baseado na aplicação de um questionário e observação direta, construir nossos dados, tendo como objetivos: identificar o perfil das turmas do 6º ao 9º ano a fim de orientar a aplicação das atividades do projeto de forma direcionada e alcançar melhores resultados.

METODOLOGIA

A presente pesquisa caracteriza-se como um estudo de abordagem exploratória, com o objetivo de analisar o perfil dos estudantes do Ensino Fundamental, anos finais abrangendo turmas do 6º ao 9º ano. O estudo foi realizado no Instituto Estadual de Educação Mãe de Deus, situado na cidade de Tupaciretã – RS envolvendo um total de 88 alunos, com idades entre 11 e 16 anos. A amostra contempla diferentes turmas, permitindo uma análise comparativa entre os anos escolares.

A coleta de dados ocorreu por meio da aplicação de um questionário, em que os alunos dos cursos de Licenciatura em Matemática e Licenciatura em Ciências Biológicas do Instituto federal Farroupilha Campus Júlio de Castilhos-RS, bolsistas do PIBID se reuniram e cuidadosamente formularam perguntas sob orientação da professora supervisora da escola, composto por questões objetivas e subjetivas. O instrumento abordou aspectos importantes como: Perfil sócio demográfico (idade e gênero), preferencias por disciplinas, percepção sobre as aulas, acesso à internet, qual é o sentimento em avaliações, dificuldades de aprendizagem e relacionamento interpessoal. Esse compilado de dados, contribuiu para a



abordagem das turmas em um segundo momento, com atividades direcionadas para o perfil de cada turma, possibilitando os bolsistas do projeto entrarem em sala de aula com prévio conhecimento dos alunos.

O questionário foi aplicado em ambiente escolar, durante a aula, com a mediação do professor e dos bolsistas garantindo a compreensão das questões pelos alunos. A participação dos estudantes ocorreu de forma voluntária e anônima para que se sentissem mais confortáveis.

Após a contribuição dos alunos nas respostas, os dados foram analisados e organizados por turmas, permitindo traçar o perfil de cada uma delas. Dessa forma a pesquisa contribuiu para que os bolsistas do PIBID desenvolvessem um trabalho direcionado em cada turma obtendo assim melhores resultados.

A análise concentrou-se nas respostas descritivas dos estudantes e nas percepções gerais das turmas, possibilitando uma compreensão mais ampla do contexto educacional, proporcionando assim a percepção da importância do papel do professor com uma visão humano na vida dos alunos.

REFERENCIAL TEÓRICO

Atualmente muito se discute sobre a importância de um olhar humano do docente para com todos os alunos em sala de aula. Nesse contexto educar de forma humanizadora significa desenvolver as habilidades e competências dos alunos de uma forma ampla, não é só sobre conteúdo, é sobre perceber as individualidades dos alunos e preparar as pessoas para a vida, com empatia, promovendo o desenvolvimento integral do aluno, não apenas no âmbito escolar mas também na sociedade, preparando-o para exercer sua cidadania de forma consciente, crítica, ética e participativa.

De acordo com a análise de L. Helena Sasseron “A sala de aula de aula é um ambiente complexo em que diferentes pessoas, com diferentes experiências de vida encontram-se para debater temas de diversas áreas de conhecimento.” (2013; p. 47) portanto, é comum dizer que cada criança tem uma forma única de aprender. Cabe ao professor ter a sensibilidade para reconhecer as diferenças e aceita-las da melhor forma possível.

Anteriormente, os conceitos de humanização e educar foram abordados separadamente, para que se tivesse claro o significado de ambas as palavras, nesse momento é



relevante dar sentido e conceito ao que vem a ser uma educação humanista. De acordo com Aloni [s.d]:

O termo Educação Humanista é geralmente empregado para designar diversas teorias e práticas engajadas na visão de um mundo e código de ética do humanismo; ou seja, a proposta de aprimoramento do desenvolvimento, bem-estar e dignidade como objeto último de todo pensamento e ação humana – acima dos ideais e valores religiosos, ideológicos ou nacionais. (ALONI, [s.d]).

Alinhado com a visão do autor, enquanto os alunos estão no ambiente escolar, apesar das suas individualidades todos tem o mesmo valor, e merecem oportunidade e tratamento igual. E cabe ao professor motivar, tendo a compreensão e diálogo com o estudante para que possam chegar a um resultado satisfatório.

No livro: Ensino de Ciências por Investigação, a autora fala que “o estímulo para o trabalho com uma atividade pode ser diferente para cada aluno e o professor deve estar ciente desse aspecto.” (2013, P. 47). A aproximação do professor com o cotidiana e a realidade social do aluno facilita o processo de desenvolvimento e aprendizagem em sala de aula os conhecimentos transferidos dentro da escola devem transpassar seus muros e chegar a sociedade, de acordo com Carvalho

A concepção de Ciência como forma de cultura, construída socialmente, levando-se em conta as questões e o emprego de ferramentas culturais e práticas específicas, que são sustentadas pelo compartilhamento de valores, muito pode colaborar nesse sentido (Carvalho, 2013, p. 23).

Em consonância com o autor é possível dizer que Educação Humanista é aquela que traz significado ético e moral para a vida do aluno, bem mais que o ensino sistemático das disciplinas que se ensinam e aprendem na escola, essa busca à harmonia dos seres humanos ao aprenderem sozinhos e em conjunto. Mizukami (1986, p. 37-38) ao falar sobre a abordagem humanista nos processos de ensino afirma que:

Essa abordagem dá ênfase a relações interpessoais, e ao crescimento que delas resulta, centrado no desenvolvimento da personalidade do indivíduo, em seus processos de construção e organização pessoal da realidade, e em sua capacidade de atuar, como uma pessoa integrada. Dá-se igualmente a ênfase à vida psicológica e emocional do indivíduo e à preocupação com a sua orientação interna, com o autoconceito, com o desenvolvimento de uma visão autêntica de si mesmo, orientada para a realidade individual e grupal. (MIZUKAMI, 1986. p. 37-38).

Para o autor citado, a aprendizagem não acontece isoladamente, mas sim no convívio com outras pessoas. A interação entre alunos, professores e colegas ajuda no desenvolvimento



pessoal e social. Assim, a dimensão do ensino é amplo, aborda diferentes temas em diferentes áreas do conhecimento, e da realidade social dos alunos. Paulo Freire em seu livro *A Educação como Prática da Liberdade* fala que: “Se a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda” (1967) essa abordagem, visa ainda mais a importância da atuação do educador, pois embora a educação não consiga resolver sozinha os desafios sociais ela é a condição indispensável para que mudanças ocorram. Nesse sentido o professor exerce atribuições que vão além do ensino formal, envolve compreender a realidade dos alunos, respeitar suas experiências de vida e fomentar um ambiente que estimule o desenvolvimento pessoal, emocional e social, assim a educação humanista promove a formação de indivíduos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O estudo dos dados coletados através do questionário, realizado nas turmas do 6º ao 9º ano evidencia diferentes características e preferências quanto ao perfil dos estudantes, suas percepções sobre o processo de ensino-aprendizagem e suas necessidades educacionais, reforçando a complexidade do ambiente escolar já apontada por Sasseron (2013). Nesse contexto, observa-se que a diversidade presente em sala de aula exige do docente uma postura sensível, reflexiva e alinhada aos princípios da educação humanista, fica evidente a diferença de comportamento de um ano para o outro.

O 6º ano, composto por 21 alunos, observa-se predominância de estudantes entre 11 e 12 anos, com equilíbrio na identidade de gênero e presença de diversidade, incluindo estudantes não binários. As disciplinas preferidas concentram-se em Educação Física e Ciências, indicando maior afinidade com práticas dinâmicas. Em relação às aulas de Matemática, embora parte dos alunos as considere positivas, há registros de percepção de dificuldade e cansaço, o que sugere a necessidade de diversificação metodológica. Em Ciências, a avaliação é majoritariamente positiva, reforçando o potencial de engajamento da disciplina. Ainda nessa turma, destaca-se que a maioria dos estudantes possui acesso à internet, embora nem todos tenham equipamentos próprios, o que pode impactar o desenvolvimento de atividades digitais. Os hábitos de estudo mostram baixa regularidade, com poucos alunos estudando diariamente. Apesar disso, a maioria apresenta boa relação interpessoal e capacidade de concentração, sendo a conversa o principal fator de distração. A presença significativa de alunos com necessidades educacionais específicas dos 21 alunos entrevistados 12 alunos possuem algum tipo de necessidade especial, entre elas autismo se



destaca, tendo também baixa visão e dificuldades físicas, Esse cenário reforça, na prática, os pressupostos da educação humanista, ao demandar do professor não apenas domínio de conteúdo, mas sensibilidade, escuta ativa e estratégias inclusivas. Além disso, o fato de muitos alunos não solicitarem ajuda espontaneamente evidencia a importância de uma postura docente atenta e acolhedora.

No 7º ano, com 24 alunos, observa-se uma turma caracterizada como respeitosa, porém agitada e com baixo comprometimento com tarefas escolares. As preferências seguem semelhante ao 6º ano, com destaque para Educação Física e Ciências, enquanto a Matemática é percebida como difícil e cansativa. A maioria dos estudantes tem acesso à internet, mas há limitação no acesso a dispositivos, o que também pode interferir na implementação de práticas pedagógicas mediadas por tecnologia. Os hábitos de estudo são irregulares e concentrados apenas nos períodos avaliativos, esse comportamento faz sentido se a gente pensar na abordagem humanista, que diz que a motivação e o significado são fundamentais para aprender. Demonstrando assim que o professor precisa de métodos de ensino que façam sentido pro dia a dia dos alunos e que motivem a participação nas aulas. A concentração é frequentemente prejudicada por fatores externos, como barulho e conversas. A turma apresenta ainda casos de inclusão sem laudo formal, o que demanda atenção pedagógica específica e acompanhamento contínuo.

No 8º ano, composto por 24 alunos, os dados revelam uma turma participativa, embora considerada desafiadora. As disciplinas preferidas incluem Educação Física e, diferentemente das turmas anteriores, há maior aceitação da Matemática. A percepção das aulas de Ciências permanece positiva. Apesar do acesso universal à internet, pouco mais da metade possui computador ou notebook. Observa-se que a maioria dos alunos não apresenta dificuldades declaradas, embora existam casos específicos relacionados à aprendizagem e necessidades educacionais (incluindo alunos com TEA e outras condições). Um aspecto relevante é a ausência de hábito de estudo diário entre os estudantes, além da baixa frequência na busca por apoio docente. A ansiedade em avaliações também é predominante, o que pode impactar o desempenho. Esse dado está ligado ao que Mizukami (1986) fala ao destacar a importância de considerar os aspectos emocionais no processo educativo. Assim, torna-se fundamental que o professor promova um ambiente seguro e tranquilo onde o erro faz parte da aprendizagem e reduza a pressão por resultados, onde somente a nota seja valorizada.

No 9º ano, com 19 alunos, evidencia-se um cenário mais crítico em relação à Matemática, disciplina amplamente apontada como difícil e cansativa, além de não figurar entre as preferidas. Em contrapartida, Ciências apresenta avaliação positiva. A maioria dos



alunos possui acesso à tecnologia, embora ainda existam limitações quanto a equipamentos. Os hábitos de estudo são insuficientes, com nenhum aluno estudando diariamente e uma parcela significativa que nunca estuda ou busca ajuda. A concentração é considerada mediana, sendo a conversa o principal fator de distração. Soma-se a isso o fato de parte dos alunos exercer atividades laborais no contraturno, o que impacta diretamente o tempo e a disposição para os estudos. Esse contexto reforça a ideia de que a aprendizagem não pode ser analisada de forma isolada, mas deve considerar as condições sociais dos estudantes, conforme discutido por Carvalho (2013). A realidade desses alunos exige práticas pedagógicas mais flexíveis, empáticas e contextualizadas, que dialoguem com suas vivências e possibilidades.

Assim, os dados reforçam a necessidade de estratégias que promovam maior engajamento dos alunos, como o uso de metodologias ativas, recursos tecnológicos acessíveis e abordagens interdisciplinares, contribuindo para a melhoria do processo de ensino-aprendizagem. Nesse sentido os resultados corroboram a perspectiva de que ser um educador vai além da simples transmissão de conteúdos, pois exige diálogo, empatia e o reconhecimento das individualidades presentes em sala de aula.

O estudo com as turmas aponta diversidade de perfis, preferências e necessidades educacionais, evidenciando a diversidade do ambiente escolar e a importância de uma abordagem sensível e inclusiva. Em geral, os alunos demonstram maior interesse por Educação Física e Ciências, enquanto a Matemática é frequentemente percebida como difícil e cansativa.

Há acesso significativo à internet, mas com limitações de equipamentos, além de hábitos de estudo irregulares e pouca busca por ajuda docente. Aspectos como distração em sala, ansiedade em avaliações, necessidades educacionais específicas e, no 9º ano, a conciliação com trabalho, impactam o aprendizado.

Diante desse cenário, reforça-se a necessidade de práticas pedagógicas mais dinâmicas, inclusivas e contextualizadas, que considerem as condições emocionais, sociais e individuais dos estudantes, promovendo maior engajamento e aprendizagem significativa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da análise realizada, demonstra que o ambiente escolar é marcado pela diversidade de perfis, experiências e necessidades dos estudantes, confirmando a dificuldade do processo de ensino-aprendizagem. Os dados coletados nas turmas do 6º ao 9º ano



demonstram que, embora existam padrões semelhantes, como a preferência por disciplinas mais dinâmicas, cada turma apresenta especificidades que exigem do docente uma atuação humana.

Nesse sentido, os resultados reforçam a importância de uma prática pedagógica fundamentada nos princípios da educação humanista, na qual o aluno é compreendido em sua totalidade, considerando não apenas seus aspectos cognitivos, mas também emocionais, sociais e culturais. A presença significativa de estudantes com necessidades educacionais específicas, bem como fatores como ansiedade, baixa frequência de hábitos de estudo e desigualdade no acesso a recursos tecnológicos, mostram a necessidade de estratégias inclusivas e equitativas.

Observa-se ainda que a falta de engajamento contínuo dos alunos está diretamente relacionada à ausência de sentido atribuído aos conteúdos escolares, o que aponta para a urgência de metodologias que dialoguem com a realidade dos estudantes. Dessa forma o diálogo em sala de aula tornam-se fundamentais para que o professor conheça o cotidiano da turma e assim favorecer uma aprendizagem mais significativa.

Além disso, destaca-se o papel do professor como mediador e agente transformador, cuja atuação vai além da transmissão de conhecimentos, exigindo empatia, escuta e compromisso com o desenvolvimento integral dos alunos. Essa interpretação está em consonância com a ideia de que a educação possui um papel essencial na transformação social.

Por fim, conclui-se que a adoção de uma abordagem humanista no contexto escolar contribui para a construção de um ambiente mais inclusivo, acolhedor e eficaz, capaz de atender às diferentes demandas dos estudantes e promover não apenas o aprendizado de conteúdos, mas também a formação de sujeitos críticos, autônomos e conscientes de seu papel na sociedade.

REFERÊNCIAS

SASSERON, L. H.; PESSOA, A. M. Ensino de Ciências por investigação: condições para implementação em sala de aula. São Paulo: Cengage Learning, 2013, p.47.

CARVALHO, A. M. P. de. Ensino de Ciências por investigação: condições para implementação em sala de aula. São Paulo: Cengage Learning, 2013, p.23.



ALONI, Nimrod. Educação humanista. Disponível em:
<<https://www2.unifap.br/borges/files/2011/02/Educa%C3%A7%C3%A3o-Human%C3%ADstica.pdf>>. Acesso em: 26 mai. 2025.

MIZUKAMI, M. da G. N. Ensino: as abordagens do processo. São Paulo: EPU, 1986, p. 37-38.

FREIRE, P. Educação como prática da liberdade. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967, [s.p].

